

A visão da violência em escritores cariocas

Héris Arnt

A arte pela arte: isto só existe para tapetes, e isto se forem pendurados nas paredes. Para o resto a idéia não é nem clara nem imaginável. Pois não se pode impedir que as palavras tenham um sentido, que provoquem a adesão do sentimento ou do espírito.

CAILLOIS, Roger

A faculdade de imaginação não é uma simples fantasia, mas uma força de impulsão, um princípio básico de toda percepção humana. Para o antropólogo francês Gilbert Durand, o imaginário não consiste numa simples representação engraçada e fantástica do mundo, mas as imagens produzidas pelo imaginário são significativas e levam ao conhecimento. Dentro desta perspectiva a literatura pode ser fonte de estudo antropológico, pois, junto com as outras artes figurativas, é a que melhor reflete sua época. É um objeto de cultura particular, uma vez que repertoria outros objetos de cultura. O romance é o lugar privilegiado onde a dimensão simbólica da vida cotidiana aparece.

A literatura abre um vasto campo de estudo, dentro do campo da antropologia. A metodologia com que venho trabalhando fica no limite da crítica literária e mesmo da sociologia da literatura - que privilegia o estudo do impacto do livro sobre a sociedade - apesar de que eu tome de empréstimo conceitos dessas áreas do conhecimento. Para se estudar a literatura dentro de uma perspectiva antropológica é preciso partir de teóricos que privilegiam o imaginário na construção social.

Neste artigo pretendo desenvolver dois aspectos desta questão: primeiro, sistematizar uma metodologia capaz de atribuir à literatura seu caráter de fonte de estudo antropológico; segundo, aplicação prática desta metodologia, na análise do social, tal como se apresenta nos textos literários. A

literatura marca uma época, ela reflete a visão de mundo, os valores de uma sociedade. Uma obra, por mais abstrata que seja, acaba oferecendo um retrato de época. A esta função de conhecimento, reconhecimento e reinvenção nenhuma obra escapa. É dentro desta perspectiva que farei o estudo de um caso específico - o da violência no imaginário do povo carioca. A partir de obras como *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, *O Cortiço*, de Aluísio de Azevedo, passando pelo pequeno conto *Pai contra mãe*, de Machado de Assis, mostrarei um amálgama das diferentes visões de violência, na sociedade do Rio de Janeiro. Através de uma análise extensiva da literatura, principalmente cobrindo um longo período, pode-se ver sobre quais mitos e quais símbolos a sociedade constrói suas referências - e é isto que pretendo fazer, com a questão da violência.

A literatura é um espaço privilegiado onde o imaginário simbólico se manifesta. Ela é, portanto, um campo muito rico para o estudo da antropologia. Através do estudo de obras ficcionais, é possível levantar o sistema simbólico que está na base da vida em sociedade. O homem é um contador de histórias. As sociedades primitivas, que não conhecem a escrita, têm membros encarregados de contar histórias. E essas histórias transmitidas oralmente nos falam da maneira como esses povos sentem e pensam suas vidas. Pode-se mesmo dizer que o antropólogo, quando vai ao encontro de povos primitivos, vai para ouvir histórias - seu trabalho é um longo trabalho de escuta. É desta maneira que eu vejo a literatura dentro do campo da antropologia, e quero mostrar que é possível entender a contemporaneidade através do estudo da produção literária.

Recurso à Sociologia

Ao fazer uma análise do social a partir de um objeto de cultura como a literatura ficcional, estou afirmando a importância do imaginário na apreensão do mundo e como fonte de conhecimento. Esta abordagem aproxima-se da sociologia compreensiva, que seguindo os passos da fenomenologia alemã, preocupa-se fundamentalmente com

a interpretação dos sistemas simbólicos específicos dos agrupamentos sociais.

Uma análise antropológica, a partir da literatura, não poderia conceber o fato social senão como um fenômeno plural e exige, portanto, apoio teórico em antropólogos e sociólogos que tenham uma visão complexa do social, em oposição à uma visão unificadora. Este aspecto tem que ficar bem claro pois, a natureza deste trabalho, tendo como base a análise de conteúdo de obras literárias, poderia sugerir que sigo um percurso estruturalista, o que não é absolutamente meu projeto.

Ao trabalhar com o imaginário, estou seguindo uma linha de sociologia baseada em autores como Michel Maffesoli, Gilbert Durand, Roger Caillois, eles mesmos inspirados em Bachelard, Simmel, Young e Marcel Mauss entre outros. Segundo Gilbert Durand, o objeto da sociologia *...está mais do lado da coleção compreensiva dos efeitos do que da rigidez das causas. Ele é projeto plural, ambíguo, sistemático. E este caráter faz ressaltar a comparação como insubstituível na antropologia ... a sociologia atual se desembaraçou do maniqueísmo teológico - e etnocêntrico - referente à infraestrutura econômica e mercantil. Todos os projetos - e projeções - culturais esclarecem a dinâmica do sistema social. Em sociologia não há epifenômeno: o mais delirante discurso, o sonho mais utópico, podem ser conseqüentes. A sociologia não quer mais ter a rigidez paranóica e leva em consideração o metanóico, seja ele do domínio dos sonhos ou das divagações. Não existe mais para a sociologia causalidade tabu. E também a sociologia contemporânea se interessa modestamente pelas constatações, as análises das ciências da literatura e da arte, ainda que da "cultura do pobre" (Durand, 1985, p.40).*

A faculdade de imaginação não é uma simples fantasia, mas uma força de impulsão, um princípio básico de toda percepção humana. Para Gilbert Durand, o imaginário não consiste numa simples representação engraçada e fantástica do mundo, as imagens produzidas pelo imaginário não são sem significação. Ao contrário, a imaginação tem

a propriedade de levar ao fundo das coisas. Sem a faculdade da imaginação não haveria criação artística nem científica. A mais fria das produções científicas passa em imagem pela criatividade de seu formulador. *Existe a imaginação que vai ao fundo das coisas, verdadeiro intelecto agente do poeta que faz deste um observador, e que produz os Wordsworth, os Milton e os Shakespeare*, nos diz Gilbert Durand em *La foi du cordonnier* (Durand, 1984, p.30).

O filósofo Gaston Bachelard considera a imaginação uma propriedade tão importante como a razão na apreensão do mundo. Gilles Deleuze no seu livro *Critique et Clinique* diz que real e imaginário formam uma distinção pertinente. O imaginário e o real seriam como duas partes justapostas ou superpostas de uma mesma trajetória, duas faces constantemente em troca. *Em última instância, o imaginário é uma imagem virtual que se cola ao objeto real, e inversamente, para constituir um cristal de inconsciente* (Deleuze, p.83)

Literatura e Antropologia

A literatura, como fonte de estudo antropológico é capaz de levantar e refletir algumas das questões que se colocam neste final do século, tais como o fim do indivíduo, a redefinição do tempo/espço, o fim dos grandes discursos de valor, etc. Seguindo pistas deixadas pelos sociólogos da literatura, Robert Escapit - embora este autor esteja mais voltado para o estudo do livro como objeto, e seu impacto sobre a sociedade - e Jean-Claude Gardin procurarei fazer uma análise da violência social através da literatura. A análise do complexo binômio sociedade/literatura, exige um arsenal metodológico tendo como eixo dois princípios básicos: o estudo do particular - quer dizer, análise do próprio objeto que são as obras literárias (esta análise remete ao estudo de conteúdo e à necessidade de uma base na crítica literária); e o estudo do múltiplo - ou seja, a inserção do livro, como qualquer outro objeto de cultura, na sociedade (aí entra todo o instrumental da sociologia, análises estatísticas etc.). Para R. Escapit, com este trabalho minucioso, pode-se descobrir o valor da literatura na compreensão da sociedade.

Hermann Broch, escritor e ensaísta alemão, diz que a literatura tem que ser capaz de recriar a totalidade do mundo da mesma forma que a obra de arte, tendo além disto a legitimidade da ciência. A função de conhecimento torna-se assim uma das funções

éticas da literatura - e ele perseguiu este objetivo em toda a sua obra. Isto quer dizer que uma obra literária deve ultrapassar seus próprios limites para exprimir o espírito de uma época. Para o autor, o fato do mundo ter se tornado demente, não é uma justificativa para que o discurso seja fragmentado, desprovido de sentido, o que seria a demência na forma de expressão. *A reprodução de um estado demente não precisa ser também demente. A demência do mundo é de uma outra ordem. Aqui trata-se de uma demência da expressão* (Broch, p.231).

Para Hermann Broch, a fragmentação do discurso aproxima a literatura da reportagem, não porque a literatura imite seu estilo, seco e enxuto, mas indiretamente através da descontinuidade e da fragmentação do mundo que ambas retratam. A fragmentação corresponde a esta visão unidimensional, a esta literatura de iniciação feita para os iguais, para os adeptos dos mesmos códigos e se opõe ao sentido universal - o que caracteriza, para o autor, o mal radical, e o fim mesmo da literatura. A questão da violência é desta ordem. Na visão de H. Broch, esta literatura fragmentada torna-se dogmática, não refletindo mais o mundo. Indiretamente Broch identifica uma das características da literatura pós-moderna, que é a de reprodução de estados singulares, no entanto representativos da sociedade. Refletindo não o mundo, mas o fragmento do mundo, a literatura conserva sua função de conhecimento e de reconhecimento, e é investida da necessidade de exprimir um sentido - apesar da análise pessimista de Hermann Broch.

Outro autor em quem busco apoio teórico é René Girard, através do paralelo que ele estabelece entre a literatura e a antropologia propriamente dita, tendo como campo de interesse justamente a violência. Sua teoria baseia-se no que ele chama de *desejo mimético* - enquanto desejo de apropriação e captura do desejo do outro, de tornar-se o outro. O homem é em substância desejo, e o desejo gera a violência uma vez que o outro deseja, também, o mesmo objeto. Sua noção de mimetismo inclui necessariamente a violência. Apesar de eu não concordar com sua visão da violência gerada pelo desejo mimético (pois confere ao homem de qualquer época, de qualquer sociedade, sofrer deste mal ontológico), o processo teórico de R. Girard é importante, e é leitura básica na questão. O autor tenta provar suas idéias a partir da análise das grandes obras, pois é justamente

na ficção literária que os autores tentam ultrapassar este mal ontológico, enquanto que nas obras menores, os autores não fazem senão estimular o desejo mimético, mostrando ações e atitudes da eterna busca de satisfação do desejo. Ele mostra, ao longo da análise de cinco séculos de literatura, que o desejo mimético forma a estrutura comum de todos os romances ocidentais. Apesar das teorias de R. Girard estarem próximas de uma visão determinista do homem (sendo neste caso o de uma natureza humana fadada à violência), a relação que ele estabelece entre antropologia e literatura mostra que dentre os objetos construídos pelo homem, a literatura é fundamental.

Para René Girard as sociedades não podem suprimir a violência, mas podem controlá-la através da ritualização. A religião é um instrumento de controle da violência, sendo que a religião judaico-cristã tem sua prática voltada para bloquear a fatalidade sanguinária do desejo. Essas idéias são desenvolvidas no livro, *La violence et le sacré*. A religião é o mais importante veículo de controle da violência, mas não é o único. Outros campos existem de ritualização da violência, dentre os quais a arte ocupa um lugar privilegiado. R. Girard monta um sistema de análise antropológica, que confere à literatura este papel de ritualizar a violência, delimitando-a a um lugar determinado e aceitável.

Pode-se dizer que existe uma relação indissociável entre violência e o discurso sobre a violência. Provavelmente a abundância de cadáveres presentes nos textos literários bem como em todos os produtos culturais, esteja querendo dizer alguma coisa a mais sobre a contemporaneidade. Não é surpreendente que o cinema, sempre eficaz no domínio do imaginário simbólico, faça da violência uma temática privilegiada. O filme *Basic Instinct* (Paul Verhoeven 1991) pode ser emblemático de uma certa visão contemporânea da violência, resumida na oxímora amor/assassinato. Uma jovem escritora de romances policiais, tira sua inspiração da realidade. Ela mata cruelmente seu namorado, no êxtase do ato sexual, para poder viver as mesmas emoções de sua personagem e melhor descrevê-las. O enfoque inovador do filme é que a violência pode reagrupar pessoas, e estabelecer laços profundos, formando uma espécie de comunidade solidária. No espaço normalmente reservado ao amor, encontra-se sólida aliança entre assassinos de pais, de irmãos, de maridos ou

de filhos. Dos componentes do mito literário do amor (encontro, obstáculo, infelicidade e morte) na contemporaneidade encontramos a morte, na variável assassinato, em que *Basic Instincts* é exemplar.

Além de R. Girard, outros autores fizeram a relação entre a forma literária e o meio social. Goldmann e Lukács mostraram que o romance é um produto da sociedade individualista moderna. Neste artigo, no entanto, quero me limitar à análise da violência, pois a violência (junto com o erotismo, a morte e o divino) é uma dessas temáticas cuja comunicação só é possível através da obra de arte. Nestas questões, a literatura pode anunciar mudanças sociais, procurando inventá-las e codificá-las. A morte e a relação com a divindade são do domínio da alteridade, alteridade radical, que não pertencem ao domínio da experiência real, e só podem ser vividas através da experiência mística ou artística. A escrita preenche o lugar do outro, e fala do que só pode ser vivido através da experiência literária. A relação com a violência é semelhante, mas é de outra ordem - a violência é a experiência extrema da ausência de comunicação, a literatura recria o imaginário da violência e consegue por meios estéticos recriar um espaço comunicativo.

Uma questão de desordem

Até aqui tentei mostrar que é possível considerar a literatura como fonte de estudo antropológico, pois, o sistema imaginário, que está na base das obras literárias, as legitimam como símbolos da maneira de ser, de ver e pensar a sociedade. Agora, farei uma análise específica de caso, a partir da literatura brasileira. Esta análise é tanto mais pertinente, pois existe entre os autores brasileiros uma construção imaginária de Brasil muito característica, a tal ponto que se pode dizer que o Brasil é personalizado nos textos literários.

A literatura brasileira, quer seja crítica ou não, está emaranhada na busca de um sentido de ser brasileiro, não raro encontrando no sistema paternalista o sonho da ordem possível, de um país uno e harmonioso. O Brasil é um subproduto na literatura. Pode-se ver em obras tão diferentes como as do movimento Modernista e as da pós-modernidade, que os autores continuam a pensar o país. E, recuando-se ainda mais no tempo, encontramos a mesma preocupação no primeiro livro do gênero romance escrito no Brasil, *Memórias de um Sargento de milícias* de Manuel Antônio de Almeida, de 1852. O conjunto da obra de Machado de Assis forma

como que um mosaico da sociedade brasileira. Para John Gledson, na obra de Machado de Assis as relações familiares refletem realidades sociais profundas, e sua obra pode ser vista como uma metáfora do Brasil.

Neste sentido é interessante analisar o livro *Horas Nuas*, de Lygia Fagundes Telles. No romance, de características neo-barrocas, com a intervenção de diversos narradores, entre os quais um gato, a autora retrata a vida de uma artista, decadente e alcoólatra, em fim de carreira. Mesmo neste tipo de obra intimista, o Brasil aparece de maneira personalizada. Esta frase pinçada no livro mostra bem este aspecto, do Brasil dotado de qualidades humanas: *Tenho às vezes quatorze anos incompletos, sou imatura como meu país. Há esperança para nós?* (Fagundes, p.92)

Esta questão de pensar o país na literatura contemporânea é uma herança direta da busca de uma identidade nacional, dentro da tradição do movimento Modernista. *Macunaima*, de Mário de Andrade, em 1928, mostra a maneira de ser brasileira. A pitoresca aventura do personagem através do Brasil acaba mal e de maneira profética *...ele não tinha coragem de se organizar*. Na mesma tradição de *Macunaima*, temos o *Ganhador* de Inácio de Loyola Brandão, também uma viagem delirante pelo país. Como *Macunaima*, o *Ganhador* faz um retrato irônico e cínico do Brasil, apesar do universo dos dois livros ser bem diverso. Se *Macunaima* trabalha com um universo mítico, a busca de uma identidade nacional que simbolize a maneira de ser brasileira, o *Ganhador* está num registro alegórico, o da identificação dos deserdados em que a violência é a tônica. As duas obras estão numa categoria da desconstrução. Só que em Mario de Andrade a desconstrução é criadora, é a procura de um caminho fora do paradigma da ordem. O *Ganhador*, como toda uma literatura contemporânea, está fora do modelo da ordem ou mesmo de oposição à ordem. A literatura funciona num registro da desordem pela desordem.

A literatura brasileira até o movimento Modernista trabalhava com o paradigma da ordem - a ordem excluindo a violência do seu campo de análise. Os autores que saíam fora deste esquematismo eram considerados malditos, ou escritores secundários. Foi assim com Gregório de Matos, Aluisio de Azevedo, Manoel Antônio de Almeida e mais recentemente Lima Barreto. Com Machado de Assis, a problemática é mais complexa,

como mostro mais adiante.

A literatura brasileira, mesmo que crítica, como nos livros de Graciliano Ramos, ou metafísica como nos romances de Guimarães Rosa, ou idealista como em José Lins do Rego está dentro de um registro da ordem. O sistema paternalista gerenciava a sociedade. A ordem paternalista, sendo definida como este sistema de proteção de uma classe sobre outra, que esconde a exploração e a violência intrínseca do sistema, mas que de certa forma dá equilíbrio à sociedade - se não na realidade social, seguramente no campo semântico. Ao paradigma da ordem, a literatura oferece três categorias de desconstrução que são pistas para se entender a relação da violência na sociedade brasileira: a desordem contra a ordem, a desordem pela desordem e a ordem da desordem.

O paradigma da ordem corresponde a uma certa literatura em que as coisas estão certas, nos lugares certos, em que o sistema paternalista, até então vigente, dava o equilíbrio necessário. O discurso de construção passa por José de Alencar, pelos romances regionalistas. Nem Machado de Assis escapou inteiramente ao fascínio da ordem, com *A mão e a Luva* e *Helena*.

A literatura modernista vai se opor ao modelo da ordem. A ordem será combatida pela desordem. A desordem será a partir de então aceita, e até mesmo desejada, e pregada. O livro *Macunaima* será o modelo emblemático desta categoria de desconstrução da ordem. Figura oxímora, sem dúvida, a ordem é a desordem. Já que a ordem é espúria, que seja substituída pela desordem, desordem da cura - a violência estando assimilada ao processo. Esta literatura pensa profundamente o Brasil, e procura entender através do paradigma da desordem a maneira de ser brasileira.

Na pós-modernidade a literatura deixa de funcionar dentro do registro da desordem construtiva. A desordem perde o referente, a ordem deixa de ser o modelo de oposição. O modelo de desconstrução da pós-modernidade é o da desordem pela desordem - todos os caminhos tendo sido tentados, só resta a desordem - e são muitos os autores que conferem este papel à literatura brasileira contemporânea: Antônio Torres, Dalton Trevisan, Rubem Fonseca, Gilberto Noll. O *Ganhador*, de Inácio de Loyola Brandão é o exemplo emblemático desta categoria de desconstrução da desordem. O Brasil é o labirinto onde se cruzam estradas, seguidas por errantes, assassinos, deserdados. A temática

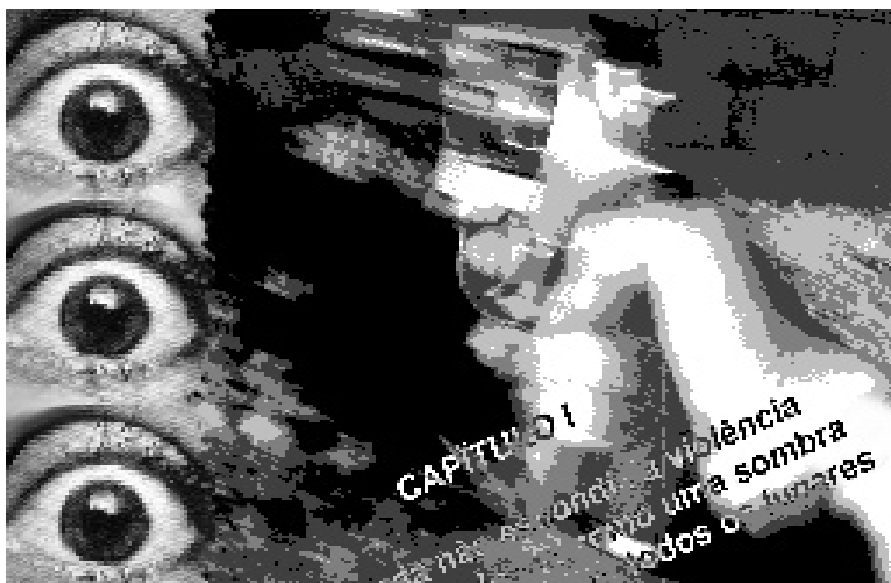
da violência aparece em um grande número de romances da pós-modernidade, como no livro de Antônio Torres, *Um taxi para Viena D'Austria*, em que um publicitário mata um jornalista, antigo companheiro: *E antes que ele estrebuchasse no chão, mandei outro balaço. E como ele já ia caindo devo ter errado a mira - era na barriga que eu queria acertar de novo. Mas a segunda bala parece que pegou bem perto do seu coração, porque ele não demorou muito tempo para morrer. Se as duas balas tivessem atingido só a barriga, talvez levasse uns quarenta minutos. E aí eu surtei. E comecei a gargalhar e a dar pulos. Acertei cabralzinho, eu disse. As duas. Nunca peguei numa porra dessas antes. Nunca tinha dado dum único tiro em toda a minha vida. E acertei os dois. Isso é demais, Cabralzinho, o máximo.* (Torres, p. 175)

Ou ainda nesta passagem de *O Ganha-dor*, em que o assassinato de uma menina, por um violonista, é uma idéia obsessiva: *Os olhos em fogo, o violinista decepcionou o pescoço de Rosicler. Um só golpe. Como as galinhas que a gente roubava, teve tempo de pensar o homem magro, sem saber por que tais coisas tinham vindo à sua cabeça. Rosicler caída.(...)O homem magro via a faca subir, não via descer. Faltava este gesto. Como se os olhos se recusassem a ver a lâmina que penetrava Rosicler. Os pedaços se amontoando. E o homem não se movia. Apenas observava, sem reação. Faca que eliminava arestas, desbastava os limites do tempo. O violinista, retalhando Rosicler* (Loyola, p.347)

Mas mesmo esta literatura de desconstrução radical, da desordem desreferenciada, alegoria de uma ordem que nunca foi, continua a pensar o Brasil. A literatura brasileira poderia funcionar num outro registro, mas ela continua a trabalhar num registro de procura da identidade nacional. E a violência é indissociável da discussão sobre o Brasil.

Ao longo do século XIX, alguns autores trabalharam fora do registro da ordem. Esses autores são importantíssimos para se aprofundar essas questões. Em *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, encontramos uma descrição da arbitrariedade da polícia, não muito diferente do que ocorre hoje, se não de forma tão personalizada, como na figura do odioso chefe de polícia, Vidigal, de maneira mais geral, na instituição como um todo.

O major Vidigal era o rei absoluto, o árbitro supremo de tudo que dizia respeito a esse ramo de administração; era juiz que



julgava e distribuía a pena, e ao mesmo tempo o guarda que dava caça aos criminosos; nas causas da sua imensa alçada não haviam testemunhas, nem provas, nem razões, nem processo; ele resumia tudo em si; a sua justiça era infalível; não havia apelação das sentenças que dava, fazia o que queria, e ninguém lhe tomava contas. Exercia uma espécie de inquisição policial. (Almeida, p.20)

Em *O Cortiço*, de Aluisio de Azevedo, encontramos a mesma referência à truculência da polícia. *A polícia era o grande terror daquela gente, porque sempre que penetrava em qualquer estalagem, havia grande estropício; à capa de evitar e punir o jogo e a bebedeira, os urbanos invadiam os quartos, quebravam o que lá estava, punham tudo em polvorosa. Era uma questão de ódio velho.* (Azevedo, p.123).

Em *Memórias de um Sargento de Milícias*, de 1852, como no *Cortiço* de 1890, ou em Machado de Assis encontramos a mesma referência à violência institucional. Não se pode pretender entender a violência fora do seu significado histórico - e é possível mostrar as raízes desta violência através de uma articulação com a literatura. Esta questão tem que ser pensada dentro do contexto do regime capitalista escravagista recente, cuja essência é a violência. A violência no Brasil é institucional, gerenciada pelo Estado (através dos aparelhos repressivos e controladores, que vão da escola à polícia, ao sistema judiciário etc.) mas é exercida por uma gama de mediadores, que no século XIX eram apenas mais visíveis: policiais, caçadores

de escravos, feitores etc. O sistema político pós-escravagismo continuou excludente, portanto ilegítimo, estando preso ao mecanismo violência/ordem. O sistema busca sua legitimidade na manutenção da ordem, que tem como horizonte tão somente a coibição à violência. Nesta questão a literatura oferece um campo rico em significações.

A última categoria de desconstrução a que nos referimos, a ordem da desordem, é representada pela obra de Machado de Assis. Machado de Assis trabalha num registro de desconstrução sutil. Ou seja, a ordem da construção formal, do estilo perfeito, encobre a desordem aberrante do sistema. A desconstrução está na disjunção do eixo metafórico. Em face deste paradoxo, sua obra não deixa de causar constrangimento, até hoje. Mario de Andrade exprime este embaraço numa crônica escrita por ocasião das comemorações do centenário de nascimento de Machado de Assis: *Talvez eu não devesse escrever sobre a obra de Machado de Assis nestas celebrações de centenário... Tenho pelo gênio dele uma enorme admiração, pela obra dele um fervoroso culto, mas. Eu pergunto, leitor, pra que respondas ao segredo da tua consciência; amas Machado de Assis?... E esta inquietação me melancoliza. (...) E aos artistas que faltam esses dons de generosidade, a confiança na vida e no homem, a esperança, me parece impossível amar. (...) Machado de Assis não profetizou nada, não combateu nada, não ultrapassou nenhum limite infecundo. (...) Mas as obras valem mais do que os homens. E não fim da crônica fica a marca deste escritor que fez*

de sua obra um exercício da paixão. « Mas estou escrevendo este final com uma rapidez nervosa... Meus olhos estão se turvando, não sei... Talvez, eu já não esteja mais no terreno da contemplação. Talvez esteja adivinhando... (Andrade, p.89)

Incluir Machado de Assis em categorias é problemático, e isto fica claro nas críticas absolutamente díspares que recaem sobre sua obra. Incluí-lo numa categoria de desconstrução pode parecer paradoxal, não é. Seria, se a análise se limitasse aos aspectos formais da sua obra (reconhecida pela perfeição de estilo, habilidade narrativa, precisão) e ignorássemos sua dimensão política (contestada ou ignorada por muitos) que lhe confere o caráter de desconstrução. O conto *Pai contra mãe* (O.C. Aguilar p. 659) é um exemplo quase didático desta categoria de desconstrução. Como é pouco conhecido (e existem boas razões para isto) vou relatá-lo rapidamente:

O conto relata o cotidiano de um homem cujo ofício era resgatar escravos fugitivos. Depois de descrever alguns ofícios que desapareceram com o fim da escravidão, o autor traça o perfil do personagem: vadio, capoeira, que não gostava de trabalhar, caçava escravos em troca de recompensa. *Pegar escravos fugidos trouxe-lhe encanto novo. Não obrigava a estar longas horas sentado. Só exigia força, olhar vivo, paciência, coragem e um pedaço de corda. Cândido Neves lia os anúncios, copiava-os, metia-os no bolso e saía às pressas às pesquisas.* Com o agravamento da crise social e o desemprego, aumenta o número de caçadores de escravos. Os tempos foram ficando difíceis, ele e a mulher grávida começaram a passar fome, a endividarem-se. A criança nasce, mas teria que ser abandonado na roda dos enjeitados, pois não tinham dinheiro para alimentá-la. Uma noite, o pai sai para abandonar o menino. No caminho encontra uma escrava fugitiva. Depois de muita luta consegue carregá-la e entregar ao dono. *Estou grávida, meu senhor. Se Vossa Senhoria tem algum filho, peça-lhe por amor dele que me solte. (...) No chão onde jazia, levada do medo e da dor, e após algum tempo de luta a escrava abortou.* Ele recebe a recompensa, o filho estava a salvo. E o conto acaba: beijando o filho, entre lágrimas, verdadeiras, abençoava a fuga e não se lhe dava do aborto. - Nem todas as crianças vingam, bateu-lhe o coração.

Conclusão

A questão da violência e os limites de construção de uma identidade nacional está no centro da discussão sobre o Brasil. Através da literatura, partindo do paradigma da ordem, foi-nos possível lançar um olhar sobre a violência brasileira, dentro de uma perspectiva histórica. Pensar a sociedade brasileira através da literatura é tanto mais legítimo, pois os escritores continuam a pensar o Brasil e procuram um significado para a maneira de ser brasileira. A procura de uma identidade nacional e o próprio questionamento da função social da literatura é uma constante nos autores brasileiros. Pode-se dizer, sem risco de exagero, que o Brasil é um personagem, associado ao texto, em um grande número de romances.

Gilles Deleuze no livro *Critique et clinique* por outros caminhos encontra a mesma significação na literatura dos Estados Unidos. Segundo o autor, a experiência do escritor americano é inseparável da experiência americana, mesmo quando o assunto não é a América. Na literatura europeia não encontramos esta relação. Para Deleuze, na América, a *autobiografia mais pessoal é necessariamente coletiva* (Deleuze p.76). Ele chega a estas conclusões a partir de uma visão de mundo como fragmento - topos da visão de mundo americana - em contrapartida a uma visão de totalidade europeia.

Por trás dos gestos e dos atos existe uma importante dimensão simbólica. Ao lado dos aspectos políticos e econômicos - que não negamos a importância - existe uma dimensão oculta de múltiplas e minúsculas situações onde as relações de sociabilidade afloram. Para Maffesoli, além do racional, que ordena a vida em sociedade, existe uma relação de descontinuidade, de "não-senso", de valorização dos acontecimentos insignificantes do cotidiano que devem fazer parte de uma análise de antropologia social. A literatura é o espaço privilegiado onde esta dimensão aflora. O estudo do imaginário simbólico em última instância é o estudo da capacidade do homem de "se inventar" um mundo. A literatura, através do viés da antropologia, oferece um instrumental de análise que permite uma abordagem particular sobre a questão da violência no Brasil. Este trabalho pensa ter contribuído com algumas pistas.

Héris Arnt

- Jornalista, Doutora em Sociologia pela Universidade Paris V / Sorbonne. Professora do Departamento de Jornalismo da FCS/UERJ.

Bibliografia

- ALMEIDA, Manuel Antônio. *Memórias de um Sargento de Milícias*, Ediouro/Coleção Prestígio.
- ANDRADE, Mário.. *Aspectos da Literatura Brasileira*. SP: Martins, 1974.
- AZEVEDO, Aluisio. *O Cortiço*. Edição de Ouro/Clássicos Brasileiros
- BOURDIEU, Pierre.. *Les règles de l'art genèse et structures du champ littéraire*. Paris: Seuil, 1992.
- BROCH, Hermann. *Création littéraire et connaissance*, Paris, Gallimard,
- CORNEA, Paul.. *Tendances et orientations actuelles dans la sociologie de la littérature*, *Synthesis III*, 1976.
- DELEUZE, Gilles. *Critique et clinique*. Paris: Ed. Minuit, 1993.
- DURAND, Gilbert. *Une Anthropologie des turbulences, hommages a Georges Balandier*. Paris: Berg Editeurs, 1985.
- DURAND, Gilles. *La foi du cordonnier*. Paris: Seuil. 1984.
- ESCARPIT, Robert. *Le littéraire et le Social*, Paris: Flammarion, 1970.
- FAGUNDES TELLES, Lygia. *As horas nuas*. RJ: Nova Fronteira, 1989.
- GARDIN, Jean-Claude. *Lectures plurielles et sciences singulières de la littérature*. *Diogenes*, Avril/Juin, n°118, 1982.
- GIRARD, René. *Les choses cachées depuis la fondation du monde*. Paris: Grasset, 1978.
- . *La violence et le sacré*. Paris: Grasset, 1972.
- GOLDMAN, Lucien. *Pour une sociologie du roman*. Paris: Gallimard, 1964.
- LOYOLA B., Ignacio. *O Ganhador*. SP: Global Editora, 1987..
- MACHADO DE ASSIS. *Obras Completas*. RJ: Nova Aguilar, 1986.
- MAFFESOLI, Michel. *Aux creux des apparences*. Paris: Plon. 1990.
- TORRES, Antonio. *Um taxi para Viena D'Austria*. SP: Companhia das Letras, 1991.